

## CARTA

Ao meu amigo

Dr. Cândido Borges Monteiro.

Havre. 1833.

Como é doloroso o deixar pela primeira vez a pátria, os pais, os irmãos e amigos! Que tristes recordações, que melancólicas ideias se não apoderam então de nossa alma! Terna e fagueira se desperta a lembrança do passado, o tempo da nossa infância com todos os seus encantos e atrativos, os lugares que testemunhas foram dos nossos primeiros ensaios da vida: os templos, as praças públicas, a casa paterna, tudo, enfim tudo, nesse momento de tropel<sup>i</sup> se apresenta à nossa fantasia, para mais exacerbar a nossa saudade e arrancar-nos lágrimas do coração, como estas que agora me regam as faces.

Não há lugar esquecido.  
Que nesse instante saudoso  
Se não mostre deleitoso,  
Por encanto ressurgido.  
O pensamento embebido  
Nessas cenas do passado,  
Como que sonha acordado  
Um sonho que o pranto excita,  
E o coração mal palpita,  
Pela angústia sufocado.

Foi assim que eu deixei pela primeira vez o meu Rio de Janeiro, na manhã do dia 3 de julho de 1833. Ainda uma vez, e já dentro do navio, os Dous Eduardos, dilatei os olhos pelo horizonte da pátria e impossível me foi reter as lágrimas, quando, com o coração nos lábios, soltei-lhe um adeus, como se ela me ouvisse. Serei feliz ao

menos se depois de viajar a Europa e aprender alguma coisa nesse grande livro, permitir Deus que eu volte e possa servir o meu país como desejo. Porém...

Ainda as velas  
Estão ferradas,  
E as duras âncoras  
No mar cravadas.

Fraco e contrário  
Se mostra o vento,  
Do sol o rosto  
'Stá macilento.

Um suor frio  
Seu corpo rega,  
Que em fina chuva  
À terra chega.

Mas pouco a pouco  
Vai aclarando.  
Propícia aragem  
Já vem soprando.

Eis já se alegram  
Os passageiros;  
Soa a celeuma<sup>ii</sup>  
Dos marinheiros.

Do mar se colhem

Grossas correntes,  
Onde se prendem  
Os férreos dentes.

As brancas velas  
Soltam-se aos ares,  
A dura quilha<sup>iii</sup>  
Já rompe os mares.

Da pátria a vista  
Nos vai fugindo;  
Da foz do Rio  
Vamos saindo.

Como é majestosa e sublime a baía do Rio de Janeiro! Nunca a tinha visto desta altura. Hei de descrevê-la em um poema em que sonho, mas ainda não achei assunto nacional que me inspire.

Um poema é cousa séria,  
E pede assunto elevado,  
Estro<sup>iv</sup> ardente, grande engenho,  
E estudo muito apurado.

Cabia aqui a pintura da imensa cadeia de montes, que em forma de enormíssimo gigante guarda a barra da nossa terra; porém o enjoo começa a fazer-me girar a cabeça e vejo-me forçado a largar a pena. Deixo isso para a volta, porque deves saber que tenho esperanças de voltar.

Passaram-se enfim três dias

De aflição e de amargura,  
Em que andou em viva guerra  
Toda a minha contextura.

Tive em completa anarquia  
O aparelho digestivo.  
Chamei tanto pela morte,  
Que não sei como inda vivo.

Do apertado camarote  
Os pratos tinir ouvia,  
E a tão molesto repique  
Como um trombão<sup>v</sup> respondia.

Meus companheiros comiam  
Quanto ali se apresentava;  
Bebiam bordéus em cima,  
Só eu disso me enjoava.

Se teimoso pretendia  
Engolir algum bocado,  
Quem disse que o suportava  
Meu estômago irritado?

Pensei que me acostumassem  
A viver sem alimentos;  
Porém achei-me enganado  
Depois de tantos tormentos.

Agora enfim pouco a pouco

Meu estômago se aquieta;  
Já tenho algum apetite,  
Como, porém com dieta.

Mas assim que me levanto,  
Sinto logo tal tonteira,  
Que volto a fazer caretas,  
Para a minha prateleira.

Não chamo assim ao beliche  
Por precisão de uma rima,  
Que meu leito é uma estante  
E tenho um vizinho em cima.

É provável que aches esta descrição mais patológica do que poética; em tal caso nada perderá aos olhos de um filho de Esculápio<sup>vi</sup>, habituado a todas as espécies de *páthos*<sup>vii</sup>. Mas subamos ao tombadilho<sup>viii</sup>, para ver o céu. Que vida há aí mais monótona do que esta de andar sobre as ondas! Asseguro-te que gosto mais do mar visto de terra. Ora vá lá um soneto para matar o tempo.

Só meus olhos enxergam céus e mares,  
Velas e lenho, que me vão levando;  
Mas que cenas se estão representando  
Em minha alma engolfada em mil pesares!

A cara mãe lá `stá enchendo os ares  
De tristíssimos ais, que o peito brando,  
Em profunda tristeza suspirando,  
Envia ao céu com lágrimas a pares!

O pai, ternos irmãos, os meus amigos,  
A pátria, tudo enfim me faz agora  
Clamar contra meus fados inimigos,

Já brilhante porvir me não vigora,  
Se a vida está sujeita a tais perigos,  
E não tenho por certa nem esta hora.

Este soneto bem mostra que ainda estou um pouco enjoado. Confesso que não me sinto de veia neste móvel elemento; em terra teria feito um soneto melhor rimado do que este, que será o último que faço.

Mas que corja de tritões<sup>ix</sup>  
Ao longe lá vem nadando,  
E o salso argento em repuxos  
Pelos ares assoprando!

Acaso será Netuno<sup>x</sup>,  
Que com todo o seu cortejo,  
Atraído por meu nome,  
Vem saber o que desejo?

Quererá nos seus abismos  
A um Magalhães<sup>xi</sup> dar abrigo,  
Lembrado desse primeiro  
Que foi seu tão grande amigo.

Oh! Manes<sup>xii</sup> dos meus maiores,

Vinde a mim neste momento;  
Dizei-me como se fala  
Ao grã rei do salso argento.

Esperemos que ele chegue,  
Entretanto, oh! Musa, acode,  
Que saudar quero a Netuno  
Com uma estrondosa ode<sup>xiii</sup>,

Dá-me palavras esdrúxulas<sup>xiv</sup>,  
E versos bem esquipáticos<sup>xv</sup>,  
Estilo todo fosfórico,  
Pensamentos enigmáticos!

Mas quê! Enganou-me a vista!  
Foram-se as minhas ideias!  
Não são tritões, nem Netuno,  
São seis famosas baleias!

Ora o certo é que os poetas gregos, com a sua religião mitológica, que lhes permitia ver uma multidão de numes<sup>xvi</sup> por toda a parte, tinham mais recursos do que nós para suas ficções e alegorias, sem deixar de parecer religiosos a seu modo. O seu maravilhoso estava feito e tinha por base a crença popular e, tendo desaparecido esta crença, desapareceu para nós esse maravilhoso, reduzindo-se esse politeísmo a uma alegoria cediça e os nomes desses numes fabulosos, a velhas metáforas. Outro deve ser o maravilhoso da poesia moderna; e, se eu tiver forças para escrever um poema, não me servirei dessas caducas fábulas do paganismo, custe-me o que custar: apesar da autoridade do grande Camões,

que, enchendo os seus *Lusíadas* com essas figuras alegóricas, põe na boca de uma delas a negação da sua própria existência, fazendo-a dizer:

Eu, Saturno<sup>xvii</sup>, e Jano<sup>xviii</sup>,  
Júpiter<sup>xix</sup>, Juno<sup>xx</sup> fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano;  
Só pra fazer versos deleitosos  
Servimos

E eu creio que já nem para isso servem hoje, exceto em alguma composição jocosa, ou de assunto grego, e romano. Talvez te pareça que este juízo sobre a mitologia vem aqui encaixado a martelo; pois te enganas: vem muito a propósito, porque nisso penso, por causa do maravilhoso do meu futuro poema, que é uma das dificuldades com que luto, e sabe Deus como me sairei dela.

Mas o que é isto? Estamos parados! Que cruel posição para quem tanto deseja chegar a Paris e ir abraçar os nossos amigos Torres Homem e Porto-Alegre, que por mim decerto não esperam.

Lânguido o vento,  
Tão pachorrento<sup>xxi</sup>  
Nos vem soprando  
Que dormitando  
Parece estar.  
As velas todas  
Já bambaleiam,  
E descansada,  
No mar grudada,  
Teimosa quilha



Nem uma milha  
Quer deslizar.  
Pelas enxárcias<sup>xxii</sup>  
Escorregando  
E bocejando  
A calma ardente,  
E o mole sono  
Impertinente,  
Espalham, às mãos cheias, sobre nós  
De papoulas e de ópio finos pós.

Sinto não poder dar a meus versos toda a moleza, todo o aborrecimento da nossa posição. Para ajudar a onomatopeia lê bocejando estes versos; e, se dormires, não me darei por enfadado, porque também estou quase dormitando, não pela virtude soporífica<sup>xxiii</sup> dos versos, que já me habituei com esta espécie de ópio, que me tira o sono, em vez de favorecê-lo, mas pela calma que me amolenta, e me convida... ia quase dizendo – a lançar-me nos braços de Morfeu<sup>xxiv</sup>, mas deixemo-nos de metáforas. Que maldita calma.

Dormiu três dias inteiros,  
Até que enfim acordou;  
Já o vento com seu sopro  
De nós a calma levou;  
E que a leve para sempre,  
Que saudades não deixou.

Que bela noite! Como o ar está puro! Como o céu está estrelado! E que lua! Parece um sol disfarçado em astro da noite! Deitado ressupino sobre o tombadilho, olhando para esse céu imenso, recamado de nítidas estrelas, no meio deste vasto Oceano, que as

reflete como um espelho de prata, parece que estou suspenso no espaço, docemente embalado no dorso de uma nuvem, que me vai levando por esses ares, e sinto cá dentro uma inefável poesia de puro sentimento, que não poderei exprimir com palavras! Oh! Como é poética a noite no meio da solidão do Oceano!

Eu amo-te, oh noite,  
Serena, estrelada,  
Que a Deus arrebatas  
Minha alma encantada.

O dia nos mostra  
Da terra as belezas,  
E aos olhos oculta  
Dos céus as riquezas.

Excita os sentidos  
Do sol a luz clara;  
Ao mundo nos prende,  
De Deus nos separa.

A humana ciência  
Que Deus não descobre,  
É como esse lume<sup>xxv</sup>  
Que o céu nos encobre.

Em noite tranquila  
Dos céus a harmonia  
Mais fala à nossa alma  
Que o brilho do dia.

Foi vendo esses orbes<sup>xxvi</sup>,  
Da noite à luz calma,  
Que o amor do infinito  
Surgiu em nossa alma.

No enlevo sublime,  
Que só o homem sente,  
A ideia do eterno  
Brilhou-lhe na mente.

Eu amo-te, oh noite,  
Serena, estrelada,  
Que a Deus arrebatas  
Minha alma encantada.

Que importa, oh Deus, aos olhos meus te ocultes,  
Se na razão te vejo,  
Quando contemplo esses milhões de mundos,  
Em arrebatado adejo!

Quem do nada os tirou? Quem moto deu-lhes  
No infindo firmamento?  
Quem nos deu, para ver tais maravilhas,  
Sublime pensamento?

Ocultas como tu aos olhos todos  
Minha alma pensa agora,  
E nesse seu pensar seu ser descobre,  
E pasmada te adora.

Tu és o Eterno Ser que se revela  
Na criação imensa,  
Onipotente e sábio, e de ti veio  
Esta alma que em ti pensa.

Assim poetizando, bafejado pelo relento, embalado pelo navio,  
como a criança no berço, fui adormecendo, e não me lembro do  
resto. Sirva este sono de transição para o mais que vier.

Estamos perto da linha equinocial. Que calor! E que sede! Se ao  
menos tivéssemos boa água! Ah, minha doce Carioca, quanto de ti  
me lembro neste vasto mar salgado!

Oh! Como o homem  
É desgraçado!  
A quantos males  
Está ligado!  
Quando, oh Domingos,  
Tu pensarias  
Que beberias  
Uma água assim,  
Que de ruim  
Até já fede,  
E não aplaca  
A dura sede?  
Ah, se eu pudesse  
Me ver agora  
No meu Brasil,  
Sem mais demora,  
D'água gostosa

Do carioca  
Levara à boca  
Logo um barril.  
De que nos serve  
Todo este mar,  
Se ele não pode  
Nos saciar?  
A Providência  
Melhor fizera  
Se em doce rio  
O convertera.

Não sei como ainda não inventou a química algum meio fácil de dessalgar as águas do mar, de modo que não precisassem os navios de fazer aguada. Faço votos para que isso aconteça enquanto estou por este mundo, que me sirva para a volta. Entretanto contentemo-nos com a água que há, com gosto e cheiro de madeira podre, que pior fora se nenhuma houvesse, e não murmuremos da Providência, que bem sabe por que fez o mar salgado. Queixo-me da falta de boa água e o que te direi da mesa? Merece um programa em verso da mesma diminuta espécie.

Pão como um bolo,  
Cor de tijolo  
Petrificado  
Té ao miolo.  
Café suspeito  
De favas<sup>xxvii</sup> feito,  
E muito aguado.  
O chá castanho,

Com o amarujo  
Do bule sujo  
De velho estanho.  
Sopa abundante,  
Mas repugnante.  
Carne salgada,  
Com batatada  
Mal amassada.  
Duras lentilhas,  
Velhas ervilhas,  
Já com caruncho;  
Couves curtidas,  
Mal aquecidas,  
Cheirando a funcho.  
Magros franguinhos,  
Em pedacinhos,  
Bem miudinhos.  
O que aparece  
Tudo se come,  
E mais cresce  
A dura fome.  
Por sobremesa,  
Um bolo à inglesa,  
Insosso e ruim,  
Dito – pudim.  
Passa e nozes  
Em parcas doses;  
Eis o festim.

Ninguém se queixa aqui, co'ó ventre erguido,

Que arrebenta por ter muito comido.

Mas que é isto? Temos novidade a bordo?

Eis pelo mastro

Sobe ligeiro

Um marinheiro,

E lá de cima

Um búzio emboca

E com voz rouca

Já nos intima

Que pronto lhe digamos

Para onde navegamos.

Satisfez o piloto à tal pergunta;

E o marmanjo outra vez continuando,

Da parte de Netuno nos avisa

Que dos dous hemisférios na divisa

Nosso baixel já vai atravessando;

E que por um costume justo e antigo,

Quem não tivesse a linha ainda passado,

Devia ser primeiro batizado,

Se quisesse a Netuno por amigo.

Temos comédia a bordo; não a veremos de graça. Tudo isso é uma armadilha destes hereges a alguns francos dos passageiros.

Armado de espada velha,

Vem um barbado intimidar-me

Que me cumpre ir a Netuno

Sem demora apresentar-me.

Eu o sigo receoso,  
E na proa deu-me entrada  
Numa espécie de barraca,  
De rotas velas formada.

Sobre uma âncora encostado,  
Com semblante contrafeito,  
Estava o senhor Netuno,  
De barbas até o peito.

Ordenou que me sentasse,  
Prontamente obedeci.  
Engrolou certas palavras,  
Por sinal nada entendi.

Os mais marujos estavam  
De um lado e de outro sentados,  
Vestidos co' a melhor roupa,  
E os rostos apolvilhados.

Um deles, que ali fingia  
Ser o padre, por divisa,  
Em vez de sobrepeliz<sup>xxviii</sup>  
Tinha de fora a camisa.

Começou este um discurso,  
E me ordenou que jurasse  
Que à mulher do marinheiro  
Sempre respeito guardasse.



Não pude deixar de rir-me,  
E o juramento prestei.  
Com damas alcatroadas  
Meu tempo não perderei.

Depois com água salgada  
A cabeça salpicou-me;  
Acabou o batizado,  
E um pratinho apresentou-me.

Então puxei pela bolsa,  
E paguei o batizado;  
Satisfeito do brinquedo,  
Por não voltar bem molhado.

Presente agora temos o rochedo de são Pedro, que ao norte da linha se levanta do mar como um fantasma com três notáveis cabeços<sup>xxix</sup>, pelo que me parece a quatro milhas de distância. Nada tenho que dizer a seu respeito: passemos adiante em quanto nos é favorável o vento, que rijo sopra. Oh lá!...

Medonha tempestade se apropínqua<sup>xxx</sup>;  
Ronca o ronco trovão solto nos ares;  
Sibila o duro vento; as vergas gemem,  
E o mar bramando contra a proa esbarra!  
Cambaleia o baixel de um lado e de outro,  
Ora as ondas o sobem no seu dorso,  
Ora ao abismo o levam.

Assegura-nos o Capitão que isto não é borrasca que meta medo, e que mesmo será útil pela falta de água que experimentamos a bordo.

E eu que não minto,  
Nem mesmo a brincar,  
Terror que não sinto,  
Não quero afetar.

Com efeito, desfez-se a tempestade em chuva, e tanto se acalmou o vento que exalou o último suspiro. Estamos de novo em calma. Exatamente como um homem que depois de desabafar a sua cólera, chora e se acalma. Para vingar-me não gastarei com ela um só versinho. Vou ler, até que volte o vento.

Oh que linda perspectiva!  
Oh que cena majestosa,  
Nos of'rece o sol que esconde  
Sua face luminosa!

Numa faixa mais luzente  
Que o ouro fino e polido,  
Inda mostra meio rosto,  
Tem no mar meio escondido.

Que grupos tão pitorescos  
De vária cor matizados;  
Ricos camafeus parecem,  
Em áureo metal cravados.

Mas já no mar, que se encrespa,

De todo o sol ocultou-se,  
E a cena que se of'recia  
Aos nossos olhos mudou-se.

Agora o céu me parece  
Um azul-claro cetim,  
De mil nuvens ondulado,  
Orladas de carmesim.

Outras nuvens mais ao longe  
Fingem bosques e cidades;  
É um vasto cosmorama<sup>xxxix</sup>  
De milhões de variedades.

Já propício, brando vento  
Vem as velas enfunando,  
Que em cinco dias de calma  
Estiveram descansando.

Enfim, agora já temos  
Um momento de prazer;  
Momento que só se alcança  
Depois de muito sofrer.

Ora amanheceu o dia 13 de agosto, que decerto raiara ao som de estrondosa artilharia e de bélicos instrumentos, se eu fosse um potentado da terra. Que campanudas odes recheadas de Apolo<sup>xxxix</sup> e de Minerva<sup>xxxix</sup> e de um sem número de mentiras; que sonetos cheios de invocações às Musas não receberia eu neste faustíssimo dia! Que carruagens à minha porta, que banquetes, que bailes! Como nada

sou tudo está tranquilo, graças a Deus. Farei, contudo, uma odezinha que sirva de episódio a esta carta; porque enfim é a primeira vez que faço anos a bordo de um navio, e, demais, no hemisfério do Norte. Creio que são razões de algum peso, e se não bastam estas razões, acrescentarei que sinto-me com vontade de versejar e não quero morrer embuchado por causa de uma ode suprimida. Lá vai ode.

Como em rápido giro a Natureza,  
Movida pela mão do instável tempo,  
Após uma estação outra apresenta,  
Uma idade após outra.

Qual rio que da rocha se despenha,  
Pedras e troncos no seu curso rola,  
Tal sem arrepiar caminho o tempo  
Tudo consigo arrasta.

Se um pouco volvo reflexivos olhos  
Sobre mim, sobre o dia dos meus anos,  
Vejo que ainda ontem ria, e me aprazia  
Com infantis brinquedos.

Não longe vai de mim aquele dia  
Em que eu tenro botão saí do cálix,  
E já perdido tenho as galas todas  
Da minha primavera.

Agostos vinte e dous hoje completo  
Que entre os homens errante os passos movo;  
E de agosto em agosto ao final termo

Ir-me-ei aproximando.

Aqui agora vou por estes mares  
Que engolido já tem baixéis sem conta,  
Sem saber o futuro que me aguarda,  
À Providência entregue,

Vou ver a estranhas terras se me é dado  
Alguns favos colher da sapiência,  
Com que possa preñar à Pátria minha,  
E aos meus ser proveitoso.

E basta de ode. Que linda noite. Veloz marcha o navio impelido por um próspero vento. Passamos pelos Açores, na distância de 60 milhas da ilha Graciosa, que nos obsequia com o mais grato cheiro de jasmim. Cousa admirável! Se estivéssemos no meio do mais florido jardim, não sentiríamos mais ativo perfume! Como essas partículas imperceptíveis, de tão longe ondulando por tão vasto espaço, difundidas em tão agitados ares, vêm impressionar o nosso olfato! Como essas impressões sutilíssimas, que não passam dos órgãos dos sentidos, e talvez os não toquem imediatamente, ocasionam na alma essas sensações que se objetivam fora dela, como se fossem qualidades reais das cousas, e criam, por assim dizer, um mundo tão diverso do que ele é! Que maravilhas! Hei de acabar por convencer-me que este mundo é uma fantasmagoria das nossas próprias ideias, e a nossa cabeça uma espécie de lanterna mágica, que mostra fora as imagens que estão dentro. Passemos avante, que isto não é assunto para uma carta escrita a bordo, com o fim de matar o tempo o melhor que posso.

Adeus, oh ilha,  
Que ao nosso olfato  
Gostar fizeste  
Cheiro tão grato.

Quisera agora  
Que fosse dia,  
Pois de avistar-te  
Gosto teria.

Se quantos passam  
Por estes mares  
Sentem teus doces,  
Odoros ares;

Chamar-te devem  
Ilha cheirosa,  
Que não é menos  
Que Graciosa.

Quem se pode fiar no tempo? Quem esperava por mais esta tempestade? Como está negro o céu! Como furiosos estão os ventos! Apenas se conservam duas pequenas velas para equilibrar o navio; as mais estão ferradas. Tudo anda em uma dobadoura<sup>xxxiv</sup>.

De um lado e de outro o mar enfurecido  
Em montanhosas ondas se levanta,  
Salta sobre o convés, e tudo alaga;  
Parece que abismar quer o navio!

Lá se foi meu chapéu de Chile! Lá vai ele a perder de vista.

Assim me deixas,  
Chapéu fugaz?  
Ah, por bem pouco  
Não fui atrás!

Asseguro-te que por um triz não segui o rumo do meu chapéu, querendo apanhá-lo logo que o vento, com a maior insolência, mo arrancou da cabeça. Ainda me bate o coração! Digo-te isto em prosa, porque em verso pareceria exageração poética, como se por aí não houvesse tantas mentiras em boa e má prosa.

Mas esta tempestade está pedindo uma descrição pomposa. Isto agora sim, é que se pode chamar tempestade poética, acompanhada de trovões e raios, que é uma verdadeira imagem do inferno, segundo penso. Vejamo-la bem, para pintá-la ao vivo. Tenho-a toda na cabeça; com mais vagar a escreverei, que a sua horrenda majestade me impõe silêncio agora, e quem sabe se para sempre. O caso é sério; já o Capitão nos manda para baixo... Que dias e que noites.

Mas que contraste! Terminou o temporal, que durou dous dias, deixando o navio a fazer água, o que obriga a todos a dar à bomba, e ficamos de novo em calmaria! Parece que não há tormenta sem calma. Vou escrever a minha tempestade, enquanto a tenho na cabeça...

Ora graças a Deus que estamos no canal da Mancha! Os olhos só cobiçam agora ver terras de França. Lá está ela! Ali as costas de Inglaterra.

Dessa soberba Inglaterra,  
Dessa pátria dos banqueiros,

Que se mostram altaneiros  
Em qualquer parte da terra,  
Por causa dos seus milhões;  
Impondo a paz ou a guerra  
A todas as mais Nações.

Como é agradável ver terra depois de tão longa viagem.  
Setenta dias de mar, com mau passadio, não é brincadeira!...Que  
navio ronzeiro!

Já o piloto da barra  
Saltou dentro do navio,  
E as velas todas se movem  
Ao som do seu assobio.

Mil graças à Providência,  
Que ao Havre nos fez chegar;  
Hoje, onze de setembro,  
Devemos desembarcar.

Já de alegria  
No peito pula  
O coração,  
Que se nutria  
Só de aflição;  
Ruim iguaria,  
Má nutrição,  
Que bem quadrava  
Com a que nos dava  
O Capitão.



Espero em terra tirar o meu ventre da miséria. Estamos enfim no Havre de Graça. Esta pequena cidade, cortada de canais e de bacias, parece edificada no mar. Seus canais, que se prolongam no meio de largas ruas guarnecidas de casas, estão coalhadas de grandes navios de todas as Nações, dispostos em quatro linhas, encostadas uns aos outros. Em suas muralhas lê-se o nome de Napoleão, nome que ainda há de fazer barulho no mundo. Estou em terra, meu amigo; disse adeus aos mares e ao meu xaveco e ponho fim a estes disparates.

Amanhã sigo para Paris.

Concluirei dizendo-te que o melhor remédio que conheço para hepatite crônica, é uma longa viagem de mar bem enjoada, do que experimento toda a eficiência. Asseguro-te que também convém aos tísicos, segundo observei em um companheiro de viagem, que, ao princípio, tossia como um desesperado, e olhava para o mar com cara de quem tinha medo de servir de pasto aos tubarões, e aqui chegou com bochechas, de modo que, se a viagem durasse mais alguns dias, chegaria eu sem fígado e ele, com os bofes inteiros e poderia então esbofar-se a seu gosto, entoando um hino ao grande oceano, - se a tanto lhe ajudasse o engenho e a arte. - E com isso te digo adeus.

---

FIM.

---

<sup>i</sup> Enorme quantidade de seres se movendo em desordem; confusão.

<sup>ii</sup> Canto ou vozeria com que barqueiros ou marinheiros ritmavam seu trabalho.

<sup>iii</sup> Navio.

<sup>iv</sup> Criatividade; entusiasmo artístico.

<sup>v</sup> Voz grossa.

<sup>vi</sup> Em latim "Aesculapius", deus da medicina e da cura, na mitologia greco-romana.

<sup>vii</sup> Catástrofe, passividade, sofrimento.

<sup>viii</sup> Estrutura erguida na popa de um navio.

- <sup>ix</sup> Deus marinho da Antiguidade clássica, que habitava o fundo do mar e que era filho de Posêidon e Anfitrite.
- <sup>x</sup> Deus romano do mar.
- <sup>xi</sup> Refere-se a Fernão de Magalhães, explorador português que primeiro circum-navegou o mundo e alude ao próprio escritor José Gonçalves de Magalhães, que navega rumo à Europa.
- <sup>xii</sup> Almas deificadas de ancestrais.
- <sup>xiii</sup> Poema lírico de estrofes simétricas.
- <sup>xiv</sup> Fora do comum, estranho.
- <sup>xv</sup> Extravagante.
- <sup>xvi</sup> Divindade mitológica.
- <sup>xvii</sup> Deus romano identificado com o deus grego Cronos.
- <sup>xviii</sup> Deus romano que deu origem ao nome do mês de janeiro.
- <sup>xix</sup> Deus romano do dia, comumente identificado com o deus grego Zeus.
- <sup>xx</sup> Na mitologia romana, Juno é a esposa de Júpiter e rainha dos deuses.
- <sup>xxi</sup> Calmo, monótono, rotineiro.
- <sup>xxii</sup> Conjunto de cabos, manobras e polias que servem para içar, aguentar e manobrar as velas de um navio.
- <sup>xxiii</sup> Cansativo, maçante, que faz dormir.
- <sup>xxiv</sup> Deus grego dos sonhos.
- <sup>xxv</sup> Fecho de luz; clarão.
- <sup>xxvi</sup> Corpo esférico.
- <sup>xxvii</sup> Planta da família das leguminosas que produz vagens grandes, dentro das quais se formam sementes.
- <sup>xxviii</sup> Veste sacerdotal, geralmente de cor branca e tecido leve, cujo comprimento atinge os joelhos.
- <sup>xxix</sup> Cume arredondado e convexo de um monte ou de uma pequena serra.
- <sup>xxx</sup> Aproximar; chegar mais perto.
- <sup>xxxi</sup> Conjunto de vistas, quadros dos mais diversos países, ampliados por instrumentos ópticos.
- <sup>xxxii</sup> Deus grego da música, das artes e da cura.
- <sup>xxxiii</sup> Deusa romana das artes e da sabedoria.
- <sup>xxxiv</sup> Artefato em que se dispõem as meadas de lã, algodão etc. para se processar a dobagem.

**Texto transcrito e anotado pela acadêmica Sintia da Motta, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.**

**Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.**

---

**O texto original se encontra no exemplar da obra *Poesias várias*, p. 331 – 364, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:**

**Autor:** Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1882

**Título:** Poesias avulsas

**Local de Publicação:** Rio de Janeiro : B. L. Garnier

**Ano de Publicação:** 1864

**Descrição Física:** 368 p,; 52 p. catálogo

**Idioma:** Português

**Direitos:** Domínio público

**Assunto:**

Literatura brasileira - Séc. XIX

Poesia - Séc. XIX - Brasil

**URI:** <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01088500>

**Tipo:** Livro

#### Referências bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol II. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:  
< <http://www.priberam.pt> > Acesso em Dez/2013.

DUARTE, M, de F, D. Primórdios do Nacionalismo Musical as "Ideias sobre a Música" de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy: revista brasiliense,

scencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.

FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NITHEROY : revista brasiliense, scencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em:  
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em: SET/2012.